

# Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes<sup>1</sup>

*Elements for a presentation of conservative thinking: from the conservative disposition to the resulting conservatism*

**Mário Jorge de Paiva\*<sup>1</sup>**

**Palavras-chave:**

Pensamento conservador;  
Conservadorismo  
brasileiro;  
Pensamento de direita;  
Disposição conservadora.

**Resumo:** O presente artigo visa delinear o conceito de pensamento conservador. Porém ao buscarmos a essência do conservadorismo, descobrimos sua alta plasticidade e a ausência de um único e final modelo conservador, pois o conservadorismo é uma disposição, nos termos de Michael Oakeshott, e algo infinitamente variado, como nos mostrou Russell Kirk. Mas delimitações devem ser feitas para não cairmos em um relativismo exagerado, no qual qualquer coisa terminaria por poder ser encarada como conservadorismo. Para além de tal esforço de explicação do que é o conceito, mostra-se igualmente necessário afastar tal linha de pensamento de outros termos próximos como: elitismo, liberalismo, romantismo e mesmo de uma mentalidade reacionária. Para excluir certas confusões e apresentar tipificações ideais. A conclusão do trabalho envolve entender que existem muitas formas de conservadorismo, variáveis de acordo com elementos estruturais e conjunturais.

**Keywords:**

*Conservative thinking;  
Brazilian Conservatism;  
Right political thinking;  
Conservative disposition.*

**Abstract:** *This article aims to explain the concept of conservative thinking. But as we look for the essence of conservatism, we discover its high plasticity and the absence of a single final conservative model, because conservatism is a disposition, in Michael Oakeshott's terms. Thus, in order to know what conservatism is, it is also necessary to remove this line of thought from other closely related terms as: elitism, liberalism, romanticism and even a reactionary mentality. To exclude certain confusions and to present ideal types. The conclusion of the work involves understanding that there are infinite forms of*

---

<sup>1</sup> Recebido em 13/02/2019. Aceito em 27/04/2019

\*<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: mariojpaiva@oi.com.br.

*conservatism, varying according to structural and conjunctural elements.*

## Introdução

O presente trabalho se justifica como uma tentativa de se explicar o que é, e o que não é, o conservadorismo. É um artigo teórico voltado para a discussão das ideias e não para os embates dos poderes. Mesmo que saibamos, partido dos apontamentos de Michel Foucault (2012a), como poderes e saberes são interligados.<sup>2</sup>

Nosso intuito é ir além da visão caricatural e lembrar que o conservadorismo possui uma rica tradição. Como Russell Kirk (2013), George Nash (1976) e Anthony Quinton (1978) demonstram e outros tantos autores importantes também o fazem.

No caso brasileiro, Paulo Mercadante (2003), José Murilo de Carvalho (2011) e João Camilo Torres (1968) são fundamentais para se entender a importância do pensamento conservador no país. E mesmo com o avanço do século XX, o Brasil continuou a ser rico em autores conservadores de maior ou menor espírito acadêmico, de maior ou menor grau de polemismo.<sup>3</sup>

Por isso um dos grandes interpretes do país continua a ser Gilberto Freyre. E há muitos nomes de importância que se somam, passando por Mário Ferreira dos Santos,<sup>4</sup> Vicente Ferreira da Silva,<sup>5</sup> Paulo Francis,<sup>6</sup> Nelson Rodrigues,<sup>7</sup> José Guilherme Merquior, etc.<sup>8</sup>

Temos de ter em vista também como tal temática desperta muitas paixões em alguns. Contudo nosso intuito, enquanto pesquisadores, é tentar

---

<sup>2</sup> O fortalecimento das ideias conservadoras no plano nacional também envolveu think tanks, bancadas parlamentares, etc.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre o polemismo, ver Manuel Petrik (2006).

<sup>4</sup> A obra de Mário Ferreira é extremamente vasta, para um início de leitura sugerimos Santos (2012, 2017).

<sup>5</sup> Para mais detalhes ver Vicente Ferreira da Silva (2011).

<sup>6</sup> Para maiores detalhes conferir Laís Oliveira (2017).

<sup>7</sup> Para maiores informações ver Ruy Castro (1992).

<sup>8</sup> Também devemos mencionar como o pensamento conservador chega ao século XXI no Brasil com uma renovada força perante o que está sendo chamado por alguns comentadores como a *nova direita nacional*. Para mais detalhes sobre a direita no Brasil contemporâneo ver: Jorge Chaloub, Pedro Lima e Fernando Perlatto (2018), Marco Aurélio Dias de Souza e Ariel Finguerut (2018) e Marcos Quadros (2015).

nos distanciarmos do afeto político, dentro do possível, para não comprometer a análise.<sup>9</sup>

Para apontar a realidade que o presente tema desperta em termos de afeto, citemos Christian Lynch:

O conceito de conservadorismo possui uma conotação fortemente negativa na América Ibérica. O conservador é geralmente visto como alguém aferrado a uma visão hierárquica do mundo, defensora de privilégios, que vê com maus olhos a democratização, o reconhecimento dos direitos das minorias etc. (LYNCH, 2008, p. 59).

É necessário referir também como direita e conservadorismo não são a mesma coisa. Mesmo que ambos os termos possuam plasticidade e se misturem. Se encararmos a questão como coloca Norberto Bobbio (1995), veremos que tal díade, de direita e esquerda, se revela uma topografia política, logo não há nada de eterno e essencial em ambos. As ideias de direita ou esquerda de um momento, já não o são em outro.<sup>10</sup> Sempre tendo-se em mente como o bom conservador é aquele que sabe o que conservar e o que descartar, um princípio já apontado por Edmund Burke (2012).

Ao entendermos a variabilidade histórica e cultural de tal díade, também devemos compreender que, quando falamos direita, não estamos a falar idealmente apenas dos conservadores. Mas estamos a falar de estratos conservadores modernos, reacionários, liberais, etc. Por isso falar de pensamento conservador, de direita, parece-nos um recorte dentro desse tema maior.

Para Bobbio, o mais importante não é a questão do ator social ser de direita ou esquerda, porém temos é de olhar para o problema da radicalidade, falando ele em posturas moderadas e extremas.

Idealmente, Bobbio divide de tal modo o espectro político: *extrema-esquerda*, formada por movimentos que ao mesmo tempo são igualitários e autoritários. *Centro-esquerda*, doutrinas de liberdade e igualdade, aqui o autor está pensando em socialismo liberal e nos partidos de socialdemocracia. *Centro-direita*, doutrinas e movimentos que se pautam na liberdade e no não igualitarismo, por exemplo: os partidos conservadores democráticos.<sup>11</sup> E, por fim, temos a *extrema-direita*, formada por gente que é contra o igualitarismo e

---

<sup>9</sup> No que não der para separar, tentaremos usar o espanto, o afeto, como uma ferramenta a nosso favor para motivar o estudo, como apontado por Foucault (2012b).

<sup>10</sup> Raymond Aron (2016) também explicita isso, ao se focar no debate sobre a história da esquerda na França.

<sup>11</sup> Que defendem, basicamente, em termos de igualdade, a igualdade perante a lei.

também contra o liberalismo, eis o nazismo, por exemplo (BOBBIO, 1995, pp. 118-119).

### Conservadorismos

Questão deveras importante é entender como o conservadorismo, enquanto um conceito fechado e final, simplesmente não existe, João Pereira Coutinho (2014, p. 9) trata do tópico. O que existe são conservadorismos, no plural. Por isso, não deve ser impressionante como em alguns entes certos elementos conservadores afloram mais do que em outros. Algo a modificar a tipologia ideal dos conservadorismos. Falando-se em liberal conservadorismo,<sup>12</sup> conservadorismo antimoderno,<sup>13</sup> neo-conservadorismo,<sup>14</sup> falsos conservadorismos<sup>15</sup> etc.<sup>16</sup> Havendo também dificuldades intrínsecas de demarcação de uma série de autores dentro das categorias existentes. Como classificar, por exemplo: Joseph de Maistre<sup>17</sup> ou René Guénon?<sup>18 19</sup>

Encarar o conservadorismo enquanto uma *disposição*<sup>20</sup> é entender como ele surge de diferentes formas e existem conservadores indo desde as camadas mais pobres até as mais ricas e intelectualizadas. Não se deve esperar uma postura unívoca do universo conservador em relação a vários tópicos. Por exemplo: a economia ou mesmo a preservação do meio ambiente.

Sobre a discussão econômica, João Pereira Coutinho (2014, p. 81) aponta como daria para se escrever um *longo manual anticapitalista* só com autores conservadores. Pois a sociedade comercial, para tais entes, pode possuir lamentáveis resultados, reduzindo relações pessoais a meros critérios de mercado. Roger Scruton, por isso, possui diversas críticas a Margaret Thatcher<sup>21</sup> em suas obras. Mesmo que também não possamos perder de vista que Adam Smith e Burke, como mostra Gertrude Himmelfarb (2011), estavam em diálogo.

---

<sup>12</sup> Ver José Guilherme Merquior (2014) e Russell Kirk (2008).

<sup>13</sup> Ver Ted McAllister (2017).

<sup>14</sup> Ver Gabriel Romero Lyra Trigueiro (2017) e Roberto Moll Neto (2010).

<sup>15</sup> Ver o artigo de Benjamin Wiker (2016), sobre a autora Ayn Rand.

<sup>16</sup> Como exemplo de divisão, lembremos como Quadros (2015) fala de três grandes linhagens: a voltada para o ceticismo político, a possuidora de inclinações liberais e a mais voltada para o campo reacionário/tradicionista.

<sup>17</sup> Para mais detalhes de tal autor, ver José Miguel Nanni Soares (2009).

<sup>18</sup> Para uma análise introdutória de tal complexo autor, é sugerida a leitura de Guénon (2018).

<sup>19</sup> Dependendo do enfoque do comentador em questão, a resposta pode variar. Mais um elemento a corroborar com a questão da plasticidade, a qual já comentamos.

<sup>20</sup> Voltaremos a tal tópico.

<sup>21</sup> Margaret Hilda Thatcher (1925-2013) foi política britânica que ocupou o cargo de Primeira-Ministra entre 1979 e 1990. Era conhecida pela alcunha de *Dama de Ferro* e implementou uma série de medidas de direita em seu tempo de governo.

Conservadorismo e liberalismo, de algum modo, já se confundiam desde o seu começo moderno.<sup>22</sup>

Christian Lynch explicita:

Para esses idealistas práticos, como Edmund Burke, Thomas Babington Macaulay e Alexis de Tocqueville (1805-1859), “passar de conservador a liberal, ou vice-versa, era apenas uma combinação diferente de moléculas dentro da mesma forma”. Era esse o exemplo de atitude “whig” que legitimava, portanto, a conduta “conservadora” assumida por liberais como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa diante da ameaça jacobina e positivista da década de 1890 (LYNCH, 2016, p. 513).

Sobre a questão ambiental, fica clara a posição de Roger Scruton (2016), ao mostrar como o mercado do mundo atual é diferente e imaterial, em comparação ao defendido por Burke. Mesmo que não se queira extinguir o capitalismo, temos de o repensar para ele se tornar sustentável ao meio ambiente.

Do mesmo modo, acreditar que odiar *gays* é uma posição tipicamente conservadora também se mostra algo equivocado, na nossa leitura. É válido lembrar os apontamentos de Antônio Cláudio Engelke Menezes Teixeira (2010) sobre o tema. Tal autor está a demonstrar que o sucesso do movimento LGBT possuiu estratégias conservadoras (TEIXEIRA, 2010, p. 65). Porque os grupos LGBTs não apresentam mais a figura transgressora de outrora. No presente momento, muitos casais LGBTs apenas desejam elementos básicos em termos de institucionalização e integração social. A título de exemplo também podemos lembrar que um grande polemista conservador da atualidade é abertamente *gay*, aqui nos referimos ao jornalista britânico Milo Yiannopoulos. Todavia, por outro lado, não podemos ignorar também como existe forte relação entre alguns grupos conservadores e religiosos, os quais condenam os entes LGBTs.<sup>23</sup> Ou seja: há ambivalência e complexificações, em tal assunto.

---

<sup>22</sup> No que tange ao liberalismo, devemos lembrar como historicamente ele surgiu na Revolução Gloriosa de 1688 (MERQUIOR, 2014, p.41). Logo seu começo histórico é diferente do conservadorismo moderno. E os pilares do liberalismo são: a teoria dos direitos humanos naturais, o constitucionalismo e a defesa de certos princípios econômicos/morais pautados pelo pensamento de John Locke e de Adam Smith. A lógica é simples, ao defender a propriedade e a economia clássica de *laissez-faire, laissez-passer*, é fácil colocar os liberais no campo dos conservadores, de certo modo.

<sup>23</sup> A afinidade com o campo religioso no conservadorismo moderno já era visível em Edmund Burke (2012), mas também está presente em tantos outros autores, inclusive aqueles bem mais próximos temporalmente a nós, vide: T. S. Eliot – para mais detalhes sobre Eliot, ver Kirk (2011) – e Eric Voegelin (2019).

O conservadorismo, ressaltemos, não deve ser visto como um elemento apenas político. Há conservadorismos em todos os aspectos da vida humana.<sup>24</sup> Há conservadorismo até nos campos mais inusitados. Por que, por exemplo, não podemos imaginar uma pornografia conservadora? Praticamente toda a pornografia não se tornaria conservadora se formos comparar aos escritos do Marquês de Sade? *50 Tons de Cinza* não é uma história conservadora? Seu grande sucesso foi exatamente agradar o *mainstream*, impulsionado por uma curiosidade rotineira. Mesmo que existam raridades radicais pornográficas, como certas obras de Georges Bataille<sup>25</sup> ou o *Ero Guro*.<sup>26</sup>

Dependendo das configurações sociais e culturais, também vale dizer, o conservador será mais ou menos alinhado com o *establishment*. Se estivermos em uma cultura deveras perpassada por valores progressistas, por uma razão lógica, o ente conservador irá adotar postura mais abertamente contrária ao *establishment*. Mas o conservador se apresenta idealmente como um moderado, seja no campo que estiver sendo analisado e como alguém que possui amor. No sentido de que é preciso amar para conservar as coisas.<sup>27</sup>

Em certas fases do pensamento grego clássico já vemos uma tentativa de salvar, preservar, o que se ama. E não é sem razão que alguns encontram elementos conservadores em obras de Platão e Aristóteles.<sup>28</sup> Sobre tal questão Coutinho (2014, p. 10) diz que podemos achar rastros, de tal corrente de pensamento, em Aristóteles, Cícero e Tomás de Aquino.<sup>29</sup>

Sobre o conservadorismo ser uma *disposição*, logo se apresentando como um elemento bastante atemporal, gostaríamos de citar Michael Oakeshott, o qual mostra o quão próximo a nós está uma mentalidade conservadora:

[...] ser conservador é preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o fato ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica (OAKESHOTT, 1981, p. 22).

---

<sup>24</sup> Vemos constantemente o conservadorismo na esfera das artes, por exemplo. Vide Scruton (2013) a criticar os caminhos que o mundo artístico tomou.

<sup>25</sup> Ver o livro *História do olho*, de 1928, escrito por Bataille, sob o pseudônimo de Lord Auch.

<sup>26</sup> É um movimento artístico japonês pouco conhecido no Brasil, o qual relaciona o erótico ao grotesco.

<sup>27</sup> Logo mesmo os progressistas moderados podem possuir vários elementos comunicáveis com as ideias conservadoras, pois há pautas comuns possíveis envolvendo os dois lados da diáde política, dentro de tal topografia.

<sup>28</sup> Não nos cabe, no presente artigo, pensar em comparações entre modelos deveras clássicos de conservadorismo e os conservadorismos modernos; de qualquer modo, o trabalho de John Bloxham (2019) é importante em tal sentido.

<sup>29</sup> Karl Mannheim (1981) também trata como o conservadorismo não é apenas moderno, mesmo que tenhamos de ter em mente como o conservadorismo moderno possui seus próprios elementos e configurações.

Paulo Mercadante também deve ser citado, para melhor elucidarmos a questão:

[...] em geral, não contém a mentalidade conservadora, por si própria, predisposição teorizante. Parte de uma pragmática de que não cumpre divagar sobre as situações em que se encontram os homens naturalmente ajustados. Dir-se-ia não haver problema equacionado numa ordem natural das coisas, e eis a justificativa de um estado de espírito despido de inquietações. As reações conservadoras diante dos fatores imanentes e situações determinadas consistiriam em atitudes habituais, e nesta situação o pensamento tranquilamente aceita o existente, como se fosse a exata ordem das coisas e do mundo (MERCADANTE, 2003, p. 227).

É necessário também listar e apresentar, mesmo que de modo sucinto, os princípios descritos por Russell Kirk (2013), sempre tendo em vista: o conservadorismo é uma disposição, portanto essa lista não pode ser encarada como final.

Tópico do conhecimento do próprio Kirk que explica como o conservadorismo não apresenta dogmas, por isso diferindo da religião ou da ideologia. Nesse sentido, o conservadorismo não possui um livro de tamanha referência como *A Bíblia* ou *Das Kapital*. Não existe um modelo conservador único, logo o conservadorismo está mais para um adjetivo, um estado de espírito, um tipo de caráter, um modo de ver a ordem civil e social. (KIRK, 2013, p. 103). Todavia devemos ter muito cuidado para não acabarmos acreditando que os conservadores não possuem nenhum livro de referências. É necessário apontar como *A Bíblia* é obra de importância para os conservadorismos mais voltados à religião cristã. Do mesmo modo, em círculos mais intelectualizados, a própria obra clássica de Edmund Burke (2012) pode ser uma grande referência e mesmo *The conservative mind*, de Russell Kirk, pode ser bem relevante para alguns.<sup>30</sup>

Vamos aos 10 princípios conservadores.

*Primeiro*, o ente acredita em uma ordem moral durável.<sup>31</sup> *Segundo*, o conservador adere à convenção, à continuidade, enfim aos costumes.<sup>32</sup> *Terceiro*, os conservadores acreditam no princípio da consagração pelo uso, assim somos nós, os modernos, anões nos ombros de gigantes.<sup>33</sup> *Quarto*, esses entes são

---

<sup>30</sup> Mesmo que ele tenha uma série de outros trabalhos relevantes, vide Kirk (2011, 2016).

<sup>31</sup> Uma ordem interna e externa, existe justiça, certo e errado.

<sup>32</sup> Preferindo o mal conhecido do que o desconhecido. A nossa ordem, liberdade e justiça são produtos de uma longa experiência social, resultado de séculos de experimentação, reflexão e sacrifícios.

<sup>33</sup> Há direitos sancionados em sua antiguidade, assim soa improvável que nós façamos qualquer descoberta extraordinária sobre moral, política ou gostos.

guiados pelo princípio da prudência.<sup>34</sup> *Quinto*, tais entes prestam atenção ao princípio da variedade, desejam preservar a diversidade na sociedade, indo contra a nivelação de classes e ordens, defendendo a desigualdade material.<sup>35</sup> *Sexto*, os conservadores acreditam na imperfectibilidade humana, logo os homens imperfeitos nunca irão criar uma sociedade perfeita. Por isso possuem uma posição contra as utopias e contra a anarquia. *Sétimo*, a liberdade e a propriedade estão intimamente ligadas. *Oitavo*, os conservadores são contra o coletivismo involuntário, defendem comunidades voluntárias. *Nono*, o ente deseja limites prudentes sobre o poder e as paixões do Homem.<sup>36</sup> *Décimo*, o conservador entende como a permanência e a mudança são necessárias para uma sociedade vigorosa, não estamos a falar de pessoas imobilistas (KIRK, 2013, pp. 104-111).

### **Diferenciando os conservadorismos de outras correntes de pensamento**

Foram apresentados alguns elementos importantes dos conservadorismos. Agora se torna necessário ver o que o conservadorismo não o é, por si só. Aqui esboçaremos a diferenciação de tal corrente em relação a outras ideias como: a mentalidade reacionária, o romantismo, o elitismo e mesmo o liberalismo. Mesmo que, frisemos, realmente existem formas de conservadorismo romântico, liberal etc., mas nem todo o conservadorismo é romântico, reacionário, etc.<sup>37</sup>

Para iniciarmos, lembremos que João Pereira Coutinho (2014) apresenta idealmente o conservador como aquele que deseja manter as coisas boas do presente, enquanto o revolucionário está preocupado com o futuro e o reacionário está a desejar um retorno ao passado, não necessariamente tão interessante quanto esse imagina que foi. E, em nossa visão, para iniciarmos as tipificações do presente seguimento, quais seriam exemplos de posturas reacionárias?<sup>38</sup>

O biólogo Richard Dawkins (2009, pp. 402-403) apresenta algumas posturas de mentalidades reacionárias ao falar, no caso americano, como certos

---

<sup>34</sup> As medidas públicas devem ser julgadas pelas consequências de longo prazo, a sociedade humana é muito complexa, as soluções não podem ser simples e apressadas.

<sup>35</sup> A igualdade que deve existir é perante a justiça ou ao Juízo Final. A sociedade assim almeja a liberdade.

<sup>36</sup> O poder político precisa ser limitado, e equilibrado, ou existirá a anarquia que descamba para a tirania.

<sup>37</sup> Acreditamos que Quadros (2015) já nos tenha auxiliado a perceber tal distinção. Ao falar de três tipos diferentes de conservadorismos, bastante distintos entre si.

<sup>38</sup> Sem perder de vista, como foi apontado por Quadros (2015), que há uma relação entre radicalismo e a mentalidade reacionária.



grupos religiosos tentam boicotar a difusão da ciência, principalmente no que se refere à Teoria da Evolução.<sup>39 40</sup>

Temos de recordar como a hipótese do *Design Inteligente* não segue os requisitos da falseabilidade científica, enquanto a Teoria da Evolução é falseável. Seria possível provar que ela está errada, caso surgissem certos fatos empíricos. Por isso, uma coisa é o ente acreditar em Deus, e ter sua fé respeitada no espaço público, outra são grupos que tentam colocar tal hipótese nas aulas de ciências dos colégios.

Citamos Dawkins, para elucidar tal falseabilidade.

Poderia acontecer que, conforme cavássemos cada vez mais para baixo a partir do Devoniano, passando pelo Siluriano ou mesmo pelo mais antigo Ordoviciano, subitamente descobríssemos que a era Cambriana – mais antiga do que qualquer dessas três – fervilhasse de mamíferos. Não é isso que encontramos na realidade, mas tal possibilidade demonstra que não se pode acusar o argumento de ser circular: a qualquer momento alguém poderia desencavar um mamífero em rochas cambrianas, e se tal coisa acontecesse a teoria da evolução seria instantaneamente refutada (DAWKINS, 2009, p. 101).

Do mesmo modo, se seguirmos tal biólogo, vamos ver que o argumento insistentemente usado de que está a faltar um elo perdido, o qual termina por assim abalar toda a confiabilidade da estrutura da evolução, também é falso.

O *Homo ergaster/erectus*, do qual possuímos muitos espécimes fósseis, é um elo intermediário muito persuasivo, não mais perdido, entre o *Homo sapiens* atual e o *Homo habilis* de 2 milhões de anos atrás, o qual, por sua vez, é um ótimo elo com o *Australopithecus* de 3 milhões de anos atrás [...]. De quantos elos você precisa para admitir que eles não estão mais “perdidos”? E podemos também preencher a lacuna entre o *Homo ergaster* e o *Homo sapiens* moderno? Sim: temos um rico filão de fósseis, abrangendo as últimas centenas de milhares de anos, que são intermediários entre eles (DAWKINS, 2009, p. 189).

---

<sup>39</sup> Porém, vale explicitar, novamente, como isto é uma tipologia ideal, logo se fossemos analisar de maneira mais acurada os tipos reais de conservadorismos contrários à evolução, por exemplo, teríamos de falar das tendências que misturam o conservadorismo e o reacionarismo. Enfim não seriam apenas os puros reacionários que se mostram contrários à ciência.

<sup>40</sup> Os racistas atualmente, em certo sentido, são reacionários, pois raças humanas enquanto um fato biológico presente foi teoria completamente desmentida. Mesmo que em épocas distantes no passado, realmente tenham existido mais de uma espécie humana vagando pelo planeta, ver Yuval Noah Harari (2016). Pois, quando o *homo sapiens* chegou à Arábia, a maior parte da Eurásia já possuía outros humanos (HARARI, 2016).

Se assim entendemos a diferenciação ideal de um conservador para um reacionário, agora temos de entender que mesmo quando se misturam as correntes, o conservador não é necessariamente um romântico, um elitista ou um liberal. Que fique claro, nosso objetivo, no presente artigo, é apresentar o(s) conservadorismo(s), assim não faremos análises hermenêuticas aprofundadas sobre o que são tais outras correntes de pensamento igualmente mencionadas.<sup>41</sup>

Acreditamos que exista certa confusão, no que tange à relação entre romantismo e conservadorismo, pois Karl Mannheim ao tratar da questão conservadora, predominantemente na Alemanha, e em um recorte temporal regido pelo romantismo, fez com que alguns confundissem a parte pelo todo.

Muitos autores já apontaram a riqueza e a variedade do romantismo,<sup>42</sup> porém, para nossos propósitos, Michael Löwy e Robert Sayre (2015) são melhores para desfazer a mencionada confusão, no sentido de apresentarem uma tipologia ideal bastante rica dos tipos de romantismos. E tais autores demonstram, claramente, como nem todo o romantismo é conservador.

Em termos muito simples, o romantismo é um movimento que, ao romper com a postura artística mais *racional*, clássica de beleza, descreve a realidade pelo filtro das emoções, possuindo elementos de idealismo, subjetivismo e valorização da imaginação. É uma arte mais burguesa voltada para os indivíduos e seu complexo mundo emocional. Em que o público das obras românticas não eram os presentes nos salões das cortes e em outros ambientes restritos. Aqui já temos o leitor de folhetins, que não conta com a mesma formação de alguém da nobreza e não conhece tanto certos autores clássicos e referências.

No Brasil, por exemplo, as fases do romantismo foram consideravelmente diferentes entre si. E como apresentar a segunda geração romântica brasileira enquanto uma geração conservadora? Claro, tal corrente possui toda a questão da subjetividade, do sentimentalismo, mesmo um apego visível ao passado, mas isso apenas faz parte de um pessimismo maior. Do desejo por coisas impossíveis, pela blasfêmia, pelo *Locus Horrendus* intransponível.<sup>43</sup>

Michael Löwy e Robert Sayre, voltemos a eles, falam de romantismos, porque estes apontam como as épocas e as sociedades se utilizaram de modos diferenciados dos elementos de uma visão romântica. Os tipos ideias, de tal

---

<sup>41</sup> De qualquer forma, se o(a) leitor(a) seguir as fontes que aqui apresentamos sobre tais tópicos, ele(a) poderá se aprofundar muito mais dentro de tais temáticas.

<sup>42</sup> Aqui pensamos, por exemplo, em Ubiratan Machado (2001).

<sup>43</sup> Para melhor se entender tal geração romântica brasileira, sugerimos a leitura de uma obra clássica do período, referimo-nos ao livro *Noite na taverna* de Álvares de Azevedo, obra publicada em 1855. Nela encontramos elementos centrais desse período artístico.

corrente, são para tais autores: restitucionalista, conservador, fascista, resignado, reformador e formas românticas revolucionárias.<sup>44</sup> Ou seja: o romantismo conservador é um entre vários possíveis modelos de pensamento romântico.

Sobre o elitismo, é válido mencionar que esse é uma disposição antiga que conseguiu se firmar na Sociologia graças à contribuição de autores como Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels. Se pensarmos em termos minimalistas, acreditamos que tal citação ajuda a ilustrar adequadamente o que é o pensamento de um elitista.

*In all societies from societies that are very meagerly developed and have barely attained the dawnings of civilization, down to the most advanced and powerful societies two classes of people appear, a class that rules and a class that is ruled. The first class, always the less numerous, performs all political functions, monopolizes power and enjoys the advantages that power brings, whereas the second, the more numerous class, is directed and controlled by the first [...]*  
(MOSCA, 1939, p. 50).

O elitismo parte de uma premissa básica, que possui correlação com o conservadorismo e até mesmo com pautas reacionárias, se pensarmos como houve ligação entre importantes elitistas e o nazismo/fascismo. Mas isso também é, ao seu modo, reduzir o elitismo moderno ao que ele foi em suas origens.

Depois dessa primeira geração, consolidada por Pareto e Michels, outros autores a tratar da questão conseguiram apresentar somas mais claras entre as elites e a democracia, questão abordada por Jacques Coenen-Huther (2013) e Cristina Buarque de Hollanda (2011). E vemos também certos autores de traços elitistas, os quais não são classicamente considerados como conservadores. Vide Friedrich Nietzsche ou Ayn Rand.

Ayn Rand é autora que gera mais ambiguidade, e mesmo polêmicas, nesse aspecto, porém acreditamos que essa pensadora está mais voltada para um liberalismo agressivo, de certos traços nietzschianos, do que para um conservadorismo clássico.<sup>45</sup>

Nietzsche também é um caso complexo de elucidar, a partir do momento em que ele era um poeta filósofo e seus aforismos possuem diversas possíveis interpretações. De todo modo, fica clara certa defesa de uma moral guerreira,

---

<sup>44</sup> Não sendo esses autores os primeiros a notarem como há uma conexão entre o romantismo e o marxismo, pois tanto Karl Marx quanto Friedrich Engels apresentavam apreço por escritores românticos.

<sup>45</sup> Para mais detalhes sobre tal autora, é válido ler sua obra máxima, o romance *A revolta de Atlas*.

do ente criando seu próprio caminho, combatendo os falsos ídolos, etc. E a crítica ao universo religioso não agrada a todos os conservadores.<sup>46</sup>

O que tentamos frisar foi tal elemento: há elitistas, os quais não são conservadores. Do mesmo modo, podemos imaginar conservadores que sejam contra a Teoria das Elites. Podemos, a mero título de exemplo, deslumbrar a existência de *seitas* de caráter mais reacionário que tentam negar a existência de lideranças ou figuras de poder dentro de seu seio cultural.

Sobre o liberalismo: estudá-lo é tema complexo pois este também foi plural desde as suas origens. John Locke, Charles de Montesquieu e Adam Smith não se considerariam liberais pela falta de tal termo, em suas épocas (MERQUIOR, 2014, pp. 35-36). E nasce o liberalismo como uma forma de protesto contra o poder, pois ele se preocupava tanto em limitar a autoridade quanto dividi-la. Mas como melhor apontou Bobbio (1994), não houve uma soma automática entre a ascensão de uma política liberal e a expansão dos poderes do povo, da democracia.

De todo modo o advento, a partir da década de 1870, da democracia no Ocidente industrial se somou à preservação dos ganhos liberais como: liberdade religiosa, direitos humanos, legitimação da mobilidade social etc. Inaugurando em vários locais experiências duradouras de democracias liberais como: na sociedade vitoriana tardia, nos Estados-Unidos do pós-guerra, na Terceira República Francesa, nos países nórdicos, etc. Além de Alemanha e Áustria terminarem por se desviarem da autocracia para desenvolverem constituições parcialmente liberais (MERQUIOR, 2014, p.43).

A primeira fase do liberalismo pode ser vista como esse momento de ampliação das liberdades pessoais, mas em uma segunda fase ele visou a ampliação da justiça social. E aqui nos deslocamos do primeiro sentido de liberalismo, para o sentido mais francês e americano. Foi o salto do *laissez-faire* para o *coletivismo*. Era a chegada dos novos liberais de 1880, os quais acreditam que o velho individualismo deveria ser revisto diante da sociedade do

---

<sup>46</sup> Mesmo Sade, em algum sentido pode ser encarado como pensador elitista. Para tal aristocrata, em seus escritos, qual era o papel da elite? Impor limite aos apetites das massas, regendo a sociedade da melhor forma possível? Não, pois elas próprias, as elites, são radicalmente individualistas. E o mundo de Sade não aponta para, por exemplo, uma luta de ricos, poderosos e maus contra os inocentes e virtuosos camponeses. Em *120 dias de Sodoma* – conferimos a edição presente em Sade (2006) – lemos que as vítimas, dos quatro libertinos, não eram camponeses pobres, eram crianças de ricas e de poderosas famílias também. Do mesmo jeito como ricos podem sucumbir ao mal, a pobreza pode ascender se ela possuir a *sabedoria* para tanto. Juliette, uma das grandes personagens de Sade, estava tão miserável quanto Justine, porém ao optar pelo seu caminho de devassidão e pecados enriquece em poucos anos. Do mesmo modo a criminosa Dubois, depois de libertar Justine de Conciergerie, explica: se a garota virtuosa optar pelo pecado, a vida iria melhorar. Os discursos virtuosos são apresentados como formas de manutenção do interesse dos poderosos.

industrialismo tardio. Era uma revolta contra essa liberdade meramente negativa (MERQUIOR, 2014, p. 186). E se formos entender o liberalismo, em tal chave americana, a diferença em relação aos conservadores apenas cresce.<sup>47 48</sup>

Em termos praticamente minimalistas: poderíamos diferenciar um conservador de um liberal principalmente pela questão de qual o papel do mercado/Estado defendido por estes entes, e também no que tange ao nível das liberdades pessoais.<sup>49</sup>

É possível imaginar muitos conservadores, vide Scruton (2016), que tecem grandes críticas à ação do mercado desregulado. Dentro da mesma chave, nem todo conservador deseja um Estado pequeno. Marcos Quadros (2015) ao tratar do conservadorismo no Brasil mostra como mesmo a população tendo um perfil deveras conservador, o qual se torna puramente reacionário em muitos casos, deseja uma ação estatal forte.

## Conclusão

O presente trabalho possuiu caráter provisório, pois há intermináveis formas de conservadorismo e intermináveis campos para o conservadorismo surgir e se desenvolver. Logo, diante da amplitude e diversidade do campo, oferecemos diretrizes introdutórias e tipificações.

Como vimos mais claramente com Oakeshott (1981) e Kirk (2013; 2016), não podemos almejar uma definição final, acabada, de pensamento conservador. Todavia, nossas delimitações teóricas nos pareceram úteis, no sentido de que mesmo em sua plasticidade e fluidez, há conceitos e aportes a serem seguidos para não acabarmos em um relativismo exagerado, em que absolutamente qualquer coisa poderia ser lida como um pensamento conservador político. Porque, para um militante radical, qualquer posição um pouco mais moderada pode ser vista como conservadora, ou reacionária, e não podemos assim nos entregar à pura subjetividade.

Vimos, no presente trabalho, como mesmo dentro da discussão de direita e esquerda, apontamentos devem ser feitos para apresentar a questão de

---

<sup>47</sup> Na França a passagem do liberalismo clássico para um formato mais social se deu através do republicanismo (MERQUIOR, 2014, p. 190).

<sup>48</sup> Vale lembrar como também houve um movimento inverso, e em algum nível mais próximo ao conservadorismo, em desavença com essas opções de maior influência estatal. Ludwig von Mises lançou o livro *Die Gemeinwirtschaft* em 1922. E vale falar que Mises não ficou sozinho nessa luta por menos Estado, este autor fez parte do que ficou conhecido como a Escola Austríaca de Economia.

<sup>49</sup> Quanto às liberdades individuais, é esperado que o liberal, nestes termos ideais, as valorize mais do que certos grupos de conservadores sociais, que podem ver certas práticas como imoralidade, uma força de degradação aos valores tradicionais, etc.

maneira menos dual. Bobbio (2001) é muito útil para a elucidação de que o problema em si não é o posicionamento do ente social, mas o radicalismo. O problema é quando essa expressão política, seja de direita ou esquerda, limita o diálogo salutar e se torna uma forma ameaçadora dentro do debate.

Analisamos também como outros elementos se somam ao conservadorismo e como ele possui uma longa história. É forçoso, seguindo nossa linha de análise, acreditar, que o conservadorismo surgiu apenas na modernidade.<sup>50</sup> E, se existem somas com outras correntes de pensamento, não podemos, por exemplo, achar que todo o conservadorismo é liberal ou romântico. Mesmo que realmente existam conservadorismos liberais, românticos, reacionários, etc. O que também complexifica a questão e enfraquece análises muito generalistas, sobre o que seria o pensamento conservador.<sup>51</sup> E o conservadorismo se mostra mais liberal, reacionário, etc., de acordo com os elementos mais valorizados pelo ente. De tal modo, vemos a riqueza do conservadorismo e sua variabilidade enquanto uma *disposição*, a qual varia de acordo com épocas e lugares, desafiando nossas formas de categorização.

## Referências

- ARON, R. 2016. *O ópio dos intelectuais*. São Paulo: Três Estrelas.
- BLOXHAM, J. 2019. *Ancient Greece and American conservatism: classical influence on the Modern Right*. Nova Iorque: Bloomsbury.
- BOBBIO, N. 2001. *Direita e esquerda – as razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp.
- BOBBIO, N. 1994. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense.
- BURKE, E. 2012. *Sobre a Revolução na França*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- CARVALHO, J. M. 2011. A construção da ordem. In: *A construção da ordem/Teatro das sombras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASTRO, R. 1992. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das letras.
- CHALOUB, J.; LIMA, P.; PERLATTO, F. 2018. Apresentação: direitas no Brasil contemporâneo. *Teoria e cultura*, Minas Gerais, v.13, n.2, pp. 9-21.
- COUTINHO, J. P. 2014. *As ideias conservadoras*. São Paulo: Três Estrelas.

---

<sup>50</sup> Mesmo que, como já tenhamos visto, o conservadorismo moderno possua suas próprias características.

<sup>51</sup> Essas subdivisões do pensamento conservador podem ser úteis inclusive para apresentar e diferenciar os autores conservadores existentes no Brasil atual. Acreditar, por exemplo, que Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino e Olavo de Carvalho são muito próximos só pois esses possuem um viés fortemente polêmico/de direita, é algo estranho para nós.

- COENEN-HUTHER, J. 2013. *Sociologia das Elites*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DAWKINS, R. 2009. *O maior espetáculo da terra*. São Paulo: Companhia das letras.
- FINGUERUT, A.; SOUZA, M. A. D. 2018. Que Direita é Esta? As Referências a Trump na Nova Direita Brasileira Pós-Michel Temer. *Revista TOMO*, Sergipe, n.33, pp. 229-269.
- FOUCAULT, M. 2012a. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- FOUCAULT, M. 2012b. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV*. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Pp. 203-222.
- GUÉNON, R. 2018. *A crise do Mundo Moderno*. São Paulo: Irget.
- HARARI, Y. N. 2016. *Sapiens – Uma breve história da Humanidade*. Rio Grande do Sul: L&PM,
- HIMMELFARB, Gertrude. 2011. *Os caminhos para a modernidade*. São Paulo: É Realizações.
- HOLLANDA, C. B. 2011. *Teoria das elites*. Rio de Janeiro: Zahar.
- KIRK, R. 2011. *A era de T. S. Eliot*. A imaginação moral no século XX. São Paulo: É Realizações.
- KIRK, R. 2013. *A política da prudência*. São Paulo: É Realizações.
- KIRK, R. 2016. *Edmund Burke - Redescobrimo um gênio*. São Paulo: É Realizações.
- KIRK, R. 2008. *The conservative mind*. Tennessee: Lightning Source.
- LYNCH, C. E. C. 2008. O Pensamento Conservador Ibero-Americano (1808-1850). *Lua Nova*, São Paulo, n. 74, pp. 59-92.
- LYNCH, C. E. C. O caleidoscópio conservador: a presença de Edmund Burke no Brasil. In: *Edmund Burke - Redescobrimo um gênio*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- LÖWY, M.; SAYRE, R. 2015. *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- MACHADO, U. 2001. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- MANNHEIM, K. 1981. O pensamento conservador. In: MARTINS, J. S. (org). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, pp. 77-131.

- MERCADANTE, P. 2003. *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks,
- MERQUIOR, J. G. 1985. *Michel Foucault ou O nihilismo de cátedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MERQUIOR, J. G. 2014. *O Liberalismo - Antigo e Moderno*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record.
- MERQUIOR, J. G. 1987. *O marxismo ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MOSCA, G. 1939. *The ruling class (Elementi di Scienza Politica)*. Nova York: McGraw-Hill Company.
- MCALLISTER, T. 2017. *Revolta contra a modernidade*. São Paulo: É Realizações.
- OAKESHOTT, M. 1981. Sobre ser conservador. In: CRESPIGNY, Anthony de; CRONIN, Jeremy (orgs.). *Ideologias políticas*. Brasília: Universidade de Brasília.
- OLIVEIRA, L. 2017. *Paulo Francis, um conservador-liberal*. Dissertação (Dissertação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- NASH, G. 1976. *The conservative intellectual movement in America since 1945*. New York: Basic Books.
- NETO, R. M. 2010. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação (Dissertação em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- NUNAN, A. 2003. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai.
- PETRIK, M. 2006. *O duelo verbal: um estudo sobre o polemista no jornalismo*. Dissertação (mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS.
- QUADROS, M P. R. 2015. *Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- QUINTON, A. 1978. *The politics of imperfection: The religious and secular traditions of conservative thought in England from Hooker to Oakeshott*. Londres: Faber and Faber.
- SADE, D. A. F. 2006. *The complete Marquis de Sade*. Nova York: Kensington Books.
- SANTOS, M. F. 2017. *Filosofia da crise*. São Paulo: É Realizações.



- SANTOS, M. F. 2012. *Invasão vertical dos bárbaros*. São Paulo: É Realizações.
- SCRUTON, R. 2013. *Beleza*. Rio de Janeiro: Record.
- SCRUTON, R. 2016. *Filosofia verde*. São Paulo: É Realizações.
- SILVA, V. F. 2011. *Obras completas - Vicente Ferreira da Silva*. São Paulo: É Realizações.
- SOARES, J. M. N. 2009. '*Considérations sur la France*' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TEIXEIRA, A. C. E. M. 2010. A vanguarda conservadora: aspectos políticos e simbólicos do movimento LGBT. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, n. 7, pp. 63-80.
- TRIGUEIRO, G. R. L. 2017. *Neoconservadorismo versus paleoconservadorismo: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias*. Tese (Tese em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- VOEGELIN, E. 2019. *A crise e o apocalipse do Homem*. História das ideias políticas – volume VIII. São Paulo: É Realizações.
- WIKER, B. 2016. *Dez livros que todo o conservador deve ler*. São Paulo: Vide Editorial.